O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, NOVEMBRO/2017 - ANO XXI - Nº 250

EDITORIAL

Em 15 de novembro de 1889, o Brasil se tornava uma república – a República Federativa do Brasil. Inaugurava-se um novo sistema de governo em substituição à Monarquia, que reinou absoluta desde a descoberta, nos idos de 1500, como colônia do império português, e depois, como país independente a partir de 1822.

Originária do latim, república vem de "res pública", que significa "coisa pública, do povo". Pressupõe-se que o governo republicano tenha como princípio o interesse comum, sobrepondo-se aos particulares; que seja do cidadão o poder sobre o governo e suas decisões e a escolha dos seus governantes, os quais, em tese, deixaram de ser perpétuos e hereditários como na monarquia.

Pressupõe-se, também, o fortalecimento e a independência das instituições de poder: Executivo, Legislativo e Judiciário, cada um contribuindo para guarnecer a cidadania. Admite-se, ainda, os partidos políticos como instrumentos para fortalecimento do exercício dessa cidadania.

O que se vê na prática, porém, é outra realidade. Mergulhada numa das mais severas crises institucionais de sua história, a República Brasileira afunda num mar de descrédito em que suas instituições balançam num redemoinho de improbidade, corrupção, fraude eleitoral, supersalários, desigualdade social, escândalos políticos. Tudo isso coloca em xeque uma das maiores conquistas da democracia republicana: o poder do voto popular. A última eleição majoritária evidenciou que enorme parcela da população se recusou a votar, pois já não acredita na soberania do interesse comum. A "renovação" a cada eleição nada mais é que a perpetuação hereditária de oligarquias familiares. O número exacerbado de partidos políticos, que poderia atribuir pluralidade e diversidade no processo eleitoral, na realidade é um amontoado de siglas vazias que nada dizem da sua ideologia – se é que ela existe. E sem ideologia não se movimenta o cidadão nem se fomenta a garra de lutar e acreditar em dias melhores em um país melhor.

Para onde caminha nossa República? Não se sabe. É evidente, no entanto, que agoniza. E o senso comum, que lhe seria peculiar, perde o viço e a relevância no processo de escolha dos governantes a cada dia.

Reprodução da Internet

Mergulhada numa das mais severas crises institucionais de sua história, a República Brasileira afunda num mar de descrédito em que suas instituições balançam num redemoinho de improbidade, corrupção, fraude eleitoral, supersalários, desigualdade social, escândalos políticos. Para onde caminhamos?

Proclamação da República

Na década de 1880, a Monarquia Brasileira estava numa situação de crise, pois representava uma forma de governo que não mais correspondia às mudanças sociais em processo. Fazia-se necessária a implantação de uma nova forma de governo que fosse capaz de fazer o país progredir e avançar nas questões políticas, econômicas e sociais.

Durante o período monárquico, nossa principal atividade econômica continuava a ser a agricultura. Desde os tempos de colônia, produzíamos para o mercado externo, e essa produção era baseada em um único produto: grandes propriedades e trabalho escravo.

Com a abolição da escravatura, em 1888, sem indenização aos proprietários, a aristocracia escravagista, arruinada, lançou sobre a monarquia a culpa por sua desgraça, passando a engrossar as fileiras do movimento republicano. Passou a desejar maior poder político, já que detinha grande poder econômico. Além disso, os militares estavam descontentes com a proibição imposta pela Monarquia pela qual os oficiais não podiam se manifestar na imprensa sem prévia autorização do Ministro da Guerra. Havia, também, críticas feitas por integrantes do Exército, que não aprovavam a corrupção existente na Corte. Também a classe média (funcionários públicos, profissionais liberais, jornalistas, estudantes, artistas, comerciantes) estava crescendo nos grandes centros urbanos e desejava mais liberdade e maior participação nos assuntos políticos do país. Por fim, o descontentamento da Igreja Católica causado pela interferência de D. Pedro II nos assuntos religiosos.

Diante das pressões citadas, da falta de apoio popular e das constantes críticas que partiam de vários setores sociais, o Imperador e seu governo encontravam-se enfraquecidos e frágeis. Doente, D. Pedro II estava cada vez mais afastado das decisões políticas do país. Enquanto isso, o movimento republicano ganhava força. No dia 15 de novembro de 1889, o marechal Deodoro da Fonseca, com o apoio dos republicanos, demitiu o Conselho de Ministros e seu presidente. Na noite desse mesmo dia, o Marechal assinou o manifesto proclamando a República no Brasil e instalando um governo provisório.

Após 67 anos, a Monarquia chegava ao fim. No dia 18 de novembro, D. Pedro II e a família imperial foram banidos do país para a Europa. Tinha início a República Brasileira.

O golpe de 15 de novembro foi fruto de uma conspiração na qual se uniram republicanos e militares. A proclamação da republica resultou da conjugação de duas forças: o Exército, descontente, e o setor cafeeiro da economia, que pretendia eliminar a centralização vigente por meio de uma república federativa, impondo ao país um sistema favorável aos seus interesses.

A Proclamação da República, portanto, não significou uma ruptura no processo histórico brasileiro: a economia continuou dependente, baseada no setor agroexportador. Afora o trabalho assalariado, o sistema de produção perdurou e os grupos dominantes continuaram a sair da camada social dos grandes proprietários. Houve apenas uma modernização institucional.

Imagem - Memória

Fotos Arquivo Pró-Memória

01

02

03

04

O Apollo 2001

Os piquetenses sempre foram apreciadores de um bom baile. Considerados "pés de valsa", desde muito cedo aprendiam a dançar e não viam a hora de poder participar dos clubes. E eram muitos os salões de baile na cidade: havia o Barba de Paca, o Grêmio General Carneiro, o Elefante Branco, o Cassino dos Oficiais, o Ex-Alunos e o Comercial.

Ao longo do tempo, a sociedade conviveu com diferentes grupos musicais que marcaram época e deixaram saudades. Desses grupos, surgiram grandes talentos, tanto na arte instrumental como na vocal. Esses músicos e seus conjuntos animaram bailes memoráveis que deixaram saudades, provocaram suspiros e sonorizaram o namoro de inúmeros casais apaixonados.

Muitos desses conjuntos musicais, por circunstâncias diversas, não tiveram continuidade. Em pouco tempo saíram de cena. Outros, no entanto, fizeram com que gerações se divertissem em grandes bailes, ao som de seus repertórios. Muitos ainda são lembrados. Outros ficaram no passado e na memória de poucos. É sempre bom lembrar, porém, que, em Piquete, tivemos o Trio Maraó, os Irmãos Chagas, o Ritmos Plaza, o Som Musical 5, o Grupo Terra e outros tantos que, ao seu tempo, brilharam e fizeram a alegria de muitos.

Um grupo, porém, foi considerado embaixador de Piquete, pois levou e divulgou para lugares distantes e por muito tempo o nome da cidade. Em 1968, reuniram-se instrumentistas que, esporadicamente, abrilhantavam shows e brincadeiras dançantes na sede do Centro do Operariado Católico. Primeiramente, o conjunto foi chamado "***Os Aventureiros***". Pouco tempo depois, mudou-se o nome para "***Os Cometas***" e, em seguida, batizado por Chico Máximo, nascia o Apollo 2001.

Com elevado espírito artístico e plena dedicação, o Apollo rapidamente conquistou a admiração e a simpatia dos piquetenses, estendendo, de imediato, seu prestígio por todo o Vale do Paraíba e Sul de Minas. Tornou-se conhecido na capital e no litoral paulista, na baixada fluminense, no grande Rio e em diversas outras cidades paulistas e mineiras. O Apollo 2001 chegou a ser considerado um dos melhores conjuntos para baile no eixo Rio – São Paulo, ao lado de grandes conjuntos musicais. Apresentou-se com grandes nomes da MPB em shows que lotavam a Praça Duque de Caxias, o Elefante Branco e outros clubes da região.

Pedrinho (Pedro Rodrigues Pereira Neto), ao órgão, *Luiz Antônio* Leôncio, na guitarra, *Manoel* Antônio da Silva, no contrabaixo, *Airton* Clemente da Silva, na bateria, e *Vivaldo* da Silva como "crooner", foram os instrumentistas pioneiros, empresariados por Luciano Ramos, José Rosalvo e Alaor Ferreira. Airton foi substituído por Tiãozinho, Pongá substituiu Manoel. Posteriormente, o contrabaixista passou a ser o Luiz Carlos. Mais tarde, Laércio passou a fazer parte do conjunto, como "crooner", juntamente com Vivaldo. A equipe técnica era composta de Mangu, Belisário e João, e o conjunto passou a ser empresariado por Alcir, de Lorena, pela Imper Empresamento Artístico, de São José dos Campos, e por Pedrinho, em Piquete.

Ao longo dos anos, novas fases, novos componentes preocupando-se, principalmente, com o aprimoramento artístico, sua aparelhagem, que proporcionava extraordinários efeitos sonoros para o deleite de todos. Nos últimos anos, dos fundadores permaneciam Pedrinho e Luiz Antônio e completavam o quadro com Paulo Henrique da Silva, Marcelo Reis, Rudneu A. Miguel, José Roberto Saraiva e Selma Helena L. Miguel.

Os piquetenses devem ao Apollo grande gratidão: a de ter propagado por centenas de cidades o nome de Piquete.

****

Legendas:

1) *Apollo 2001 no Elefante Branco com a cantora Ângela Maria, na década de 1970.* ***2)*** *Apollo 2001 no parque atrás do Grêmio General Carneiro, em julho de 1970.* ***3)*** *Apollo 2001 no Elefante Branco.* ***4)*** *O grupo na Serra da Mantiqueira, na década de 1980.*

GENTE DA CIDADE

Dulciléa Amaral

Nascida a 25 de março de 1945, Dulciléa Alves do Amaral Krbavac é a terceira dentre os oito filhos do casal José Martins do Amaral e Benedita Alves do Amaral. O pai veio de Minas para Piquete por volta de 1939.

Dulciléa fala sobre sua infância e adolescência, com bom humor, dizendo que adorava bolinha de gude e béti. “Eu ajudava muito meu pai, inclusive na construção da casa em que morávamos... Também era eu quem ia ao açougue, à granja.. Tinha muita mulher em casa para ajudar minha mãe. Então eu ajudava meu pai...”, completa.

Com três anos, foi matriculada no Jardim da Infância. D. Almerinda foi a primeira professora. Nas escolas do Departamento Educacional da FPV cursou até a Escola Normal Livre Duque de Caxias, na qual se formou na turma de 1963. Nessa época nasceram duas fortes amizades: com Amelinha Pascoal e Martelo (José Silva Beraldo).

Concluído o Normal, foi aprovada para a Escola de Enfermagem da Escola Paulista de Medicina, na cidade de São Paulo. “Eu sempre quis ser enfermeira”, afirma. As etapas de inscrição e realização das provas admissionais não foram fáceis: a família não tinha recursos para acompanhá-la à capital durante os dias das provas. Com todos os empecilhos, correu atrás e conseguiu ser aprovada. O início do curso, outro desafio. Dulciléa, sempre preocupada com a falta de dinheiro, levou o básico para São Paulo. Lá encontrou muita solidariedade das colegas de turma e das freiras. Antes mesmo de concluída a faculdade, foi aprovada em concurso para o Hospital do Servidor Público. Ingressou assim que se formou.

Logo no primeiro ano conheceu Hans Jochen Franz Krbavac. Para ela, um homem excepcional, um grande amigo. Já ele, logo se apaixonou. Persistente, após Dulciléa se formar, em 1967, Hans a pediu em namoro. Logo noivaram e, em janeiro de 1968, se casaram. A união foi curta: em 1975, Dulciléa ficou viúva com três filhos pequenos. Quando da morte do marido, trabalhava durante o dia. No inicio, a sogra ajudou com as crianças; depois as deixou um tempo com seus pais, em Piquete. Optou, então, por trabalhar à noite. “Tinha que garantir boa educação para meus filhos”, conta. Por um período, manteve dois empregos, pois “colaborava com as despesas das crianças em Piquete”. Quando a filha mais velha fez quinze anos, levou os filhos de volta para São Paulo. Pouco tempo depois, teve mais um filho, fruto de um segundo relacionamento. A família pela qual tanto lutou hoje segue estabilizada e unida.

Em 1995, aposentou-se. “Foram vinte e oito anos no Hospital do Servidor Público. Lá, trabalhei muito, mas também ensinei. Tudo o que sabia repassava para meus auxiliares. Contava com uma excelente equipe”, afirma.

Após a aposentadoria, mudou-se para Piquete. “Meu plano era ser voluntária no Hospital da FPV, mas não foi possível”. Seguidora da doutrina espírita, Dulciléa sabia que tinha que ajudar o próximo. Seu lema é: “Fora da caridade não há salvação”. No Centro Espírita Deus e Caridade, colabora com o sopão semanal e estuda a Doutrina.

Há 11 anos, organiza uma festa de Natal para crianças carentes do município. Neste 2017, constam da lista 132 crianças de 69 famílias piquetenses. “Tenho visto muita coisa triste em nossa Piquete. A realidade é muito dura para diversas famílias”, relata, com um quê de emoção. As crianças são cadastradas e podem participar até completar doze anos. Para cada criança um padrinho oferece roupas, brinquedos e produtos de higiene, entregues numa festa no fim do ano.

Determinada e organizada, Dulciléa é exemplo de mulher batalhadora e vencedora. Solidária, vive os preceitos da doutrina religiosa que pratica. Ganham, com isso, sua família, amigos e o município de Piquete, que dela recebem carinho e dedicação.

Encontro no Centro Espírita Deus e Caridade, em Piquete

Hora-atividade do professor: colocando os pingos nos is

Laura Chaves

A lei do piso salarial nacional do Magistério, aprovada em 2008, determinou que os professores devem dedicar, no máximo, 2/3 da carga horária de trabalho para ministrar aulas e, no mínimo, 1/3 para outras atividades próprias da docência.

Essa conquista legal é um reconhecimento de que a jornada de trabalho do professor vai além da atividade de ensinar realizada dentro da sala de aula. Preparar aulas, preparar provas, corrigir, pesquisar e estudar são algumas das atividades a ser desenvolvidas pelo professor fora da sala de aula e que são imprescindíveis e fundamentais à qualidade da educação.

Pois bem, chegamos em 2017 e essa conquista ainda gera polêmicas e discordâncias. Por isso, é preciso chamar a atenção para o que de fato está em jogo: a qualidade da educação. Sendo assim, é urgente que se coloquem os pingos nos is.

Primeiro dos pingos: faz-se necessário o reconhecimento por parte do poder público e da sociedade de que a hora-atividade não é um benefício, mas sim uma política educacional que visa à melhoria da qualidade do ensino. No Brasil, algo a ser urgentemente conquistado.

Segundo dos pingos: professores devem aproveitar ao máximo a hora-atividade e nela qualificar o trabalho pedagógico que desenvolvem. Usar essas horas para outros fins é um ato de improbidade administrativa.

Pingo final: poder público, sociedade e professores precisam avaliar se a política da hora-atividade, que usa recursos públicos, tem refletido positivamente na qualidade da educação. Nenhuma política pública se justifica se não der resultados positivos. É jogar dinheiro público fora, dinheiro de todos nós contribuintes.

O ESTAFETA
Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:
Antônio Carlos Monteiro Chaves
Jornalista Responsável:
Rosi Masiero - Mtd-20.925-86
Revisor: Francisco Máximo Ferreira Netto
Redação:
Rua Professor Luiz de Castro Pinto, 22
Tels.: (12) 3156-1207
Correspondência:
Caixa Postal nº 10 - Piquete SP
Editoração: Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1000 exemplares
A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

Trecho de área revegetadada por meio de projeto coordenado pela ECR (Foto de 205)

A Serra da Mantiqueira "abraça" o município de Piquete.

Trecho de Mata Atlântica em Piquete. Nas maiores altitudes, é mata virgem.

Fotos Arquivo Pró-Memória

Nosso compromisso com a montanha e as florestas

Cresce a conscientização de que é imprescindível preservar os remanescentes da Mata Atlântica no país. Essa floresta tropical é uma das mais ricas do mundo em biodiversidade e cobria grande extensão da costa leste brasileira. Hoje, restam apenas 7% de sua área original. Além da biodiversidade, essa floresta tem importância fundamental por ser produtora de água e reguladora do clima, evitando erosões e enchentes numa das mais populosas áreas do Brasil.

Nas últimas décadas, a sociedade vem sendo despertada para sua importância e se organizando em sua defesa. Transformada pela UNESCO em reserva da biosfera, a Mata Atlântica é orgulho de todos os brasileiros e alvo de curiosidade não somente da sociedade científica, mas de todo o mundo.

Cercado por montanhas, Piquete abriga em seu território significativos fragmentos dessa floresta, o que aumenta a responsabilidade de todos os piquetenses por sua proteção. É bom os piquetenses saberem que a água por eles consumida é nela produzida.

No entanto, a exemplo de outros lugares, a fragilidade desse bioma e de seus diferentes ecossistemas está ameaçada. Concorrem para isso o crescimento populacional e a falta de políticas preservacionistas. Educação ambiental e mudança na relação com a natureza são fundamentais para nossa própria sobrevivência.

Conciliar crescimento do município sem destruir a floresta e sua diversidade é um desafio a ser enfrentado. Todos podem se engajar nesse esforço para sua preservação. Revegetar encostas e matas ciliares, tratar o esgoto doméstico, recuperando o ribeirão Benfica, que corta a cidade e, junto com o Sertão forma o Ribeirão Piquete, são ações prioritárias. Parece ser muito trabalho. No entanto, é preciso que se dê o primeiro passo

A Fundação vem, há mais de 20 anos, trabalhando nesse sentido. Já desenvolveu vários projetos de revegetação de mata ciliar em nossa cidade, inclusive um na microbacia hidrográfica do Benfica e Tabuleta. Entretanto, muitas outras ações são necessárias. Há um longo caminho a ser percorrido. Precisamos melhorar nossa relação com a montanha e a floresta que abraçam o município. Nosso futuro depende dessa melhora.

O Velhinho sempre vem

Andando pelas ruas das cidades por onde vivo, passeio, trabalho e convivo, é sensível um movimento que começa lento como a dissipação da névoa nas manhãs. As lojas começam a colocar à venda guirlandas, luzes, árvores de natal e centenas de tipos de enfeites. A chuva que se mistura ao sol de todo o dia me faz lembrar de tempos em que brincávamos dizendo "sol e chuva casamento de viúva, chuva e sol casamento de espanhol". E junto a esse tempo de cores alegres e gente preocupada com o orçamento, podemos sentir aqui e ali o cheirinho da içá frita na farofa e no bacon. As parreiras começam a se carregar de cachos de uvas vistosas que se fartam da chuva constante após tanto tempo de seca.

Em toda parte existe algum vizinho a colocar luzes nas varandas ou a enfeitar as salas. Um sentimento vai se espalhando devagar independente das manifestações religiosas de cada um. Tempo de Natal! Refletindo um pouco sobre esse período, percebemos a profundidade da mensagem que ele traz. Algo que aconteceu há dois mil anos, contada na Bíblia como sendo uma história em que um anjo de nome Gabriel – Gabri-el, "homem forte de Deus" –, anuncia a uma virgem dizendo "Não tenhais medo, Maria, porque estais na graça do Senhor. Concebereis um filho a quem poreis o nome de Jesus. Ele será filho do Altíssimo e seu Reino não terá fim". Esse fato, fictício para alguns e realidade para muitos, culmina no nascimento de um Messias, um salvador de todos. E este, Jesus, traria a recordação de um Reino que não é deste mundo, mas que contém também este mundo. De certa forma, o nascituro traria a mensagem de que esse Reino, o do espírito, sobrepõe-se ao reino da matéria, é imortal, contínuo e perpétuo. Um Reino dos céus, de alegria e de amor puro. Pergunto-me se a clarividência daquele anjo Gabriel esperava que um ato de minutos iria transformar tantas vidas.

Assim, e talvez por isso, essa contagiante brisa que começa a soprar em novembro se espalhe e encante tantas pessoas. E esse encantamento traz vida e esperança para muitos. Quase todos sabemos que o Papai Noel (Noel é Natal em Francês), Papai Natal, na Europa, ou Santa Claus, nos Estados Unidos, é uma invenção que representa São Nicolau. Era um arcebispo turco que ajudava pessoas em dificuldade e, segundo a lenda, colocava (sacos com) moedas de ouro nas chaminés das casas. Mas por que não entrar na onda da Coca-Cola e fazê-lo em roupas vermelhas e dizendo Ho-Ho-Ho? Não é contagiante a alegria das crianças nos shoppings ao tirar aquela selfie com o bom velhinho? Seria estranho um velho com roupas de arcebispo tendo crianças em seu colo. Ainda mais com o politicamente correto dos dias de hoje.

Tão alegres quanto as crianças e suas selfies ficam os bons velhinhos com suas barbas de algodão e roupas vermelhas e brancas de inverno. Nos períodos de crise fazem uma grana extra mesmo sofrendo com nosso verão sem neve e sem trenós. Tão felizes ficam todos os chineses em suas lojas de quinquilharias de Natal. E somem-se a todos eles os lojistas e vendedores ambulantes. Mas, se lembramos da alegria de todos, não podemos esquecer que as mesmas crianças que apostam nos pedidos ao pé do ouvido pros papais noéis de todo dia ficam ainda com um brilho extra nos olhos nessa época dadivosa. Esperam o bom e novo Nicolau trazer suas encomendas cujos pedidos hoje são enviados por whatsapp, SMS, e-mail e redes sociais. E que Jesus, o aniversariante, faça valer a música em que se ouve "seja rico ou seja pobre o velhinho sempre vem".

Quanto a mim, peço apenas que sejamos felizes e que o querido Papai Noel traga um saco de bons políticos para essa nação tão necessitada. ***Luiz Flávio Rodrigues***

A meditação de Odila

Novembro começa com uma rememoração. Após Todos os Santos, os Finados. Hoje, estas referências esmaeceram nas memórias. Do feriado que restou entre os dois ficou a expectativa do lazer, do consumo, da possível conjugação a um fim-de-semana para a viagem antecipatória das festas de mais um fim de ano. Fruição encadeada ao 15 do mesmo mês, que, esvaziada de sua função histórica, é mais um dia de lazer para antecipar viagem mais longa ou projetos mais imediatos: conclusão de ano escolar, celebrações familiares e as férias de verão com promessas de sol, areia e água. Longe, ou o mais perto possível, na medida do bolso, ou da imaginação.

No novembro, 2, o cemitério é ainda, para muitos, visita obrigatória.

No de Piquete, Odila Bittencourt debruça-se sobre o tempo e dele faz seu mote traduzido em bom mármore de boa lavra. Seus dedos finos elaboram, aos ventos e ao correr das horas, o tecido da memória.

Odila cercava-se no inicio do século passado de poucos vizinhos, pontuados em outros mármores ou granitos, em pedra, cal, ou apenas terra e pó – os restos de todos somados.

No início deste século, ela percebe, meditando sempre, a chegada de muitos novos, reforçando-lhe os laços memorizatórios. No lugar elevado de autoridade, concedido pela elite da qual era derivada, viu e vê passar os cortejos. Seu rosto liso mantém-se incólume, seu pó amalgamou-se aos demais. O véu que lhe cobre o rosto e o manto que lhe cobre o corpo resistem às procelas, pois eram mesmo esses os seus destinos. Em imagem figurada, ela dá sentido ao tempo.

Eternizada na pedra, Odila vê o cemitério se expandir e os túmulos vizinhos se altearem. A verticalidade das gavetas denuncia edifícios na necrópole iniciada antes da emancipação da vila, que via nascer e roteirizar o percurso de seus habitantes.

No repertório de Odila, o imaginário encontra os atributos que marcaram sua presença legitimada nos vizinhos que tem, e sabe que terá. Mas os mistérios da vida fazem de Odila uma guardiã incansável, pois se ela já decifrou no tempo o grande enigma, como portadora da chave, permanece enigmática em si mesma. Odila vigia, pois é da qualidade dela vigiar apenas, e meditar, pois emblematiza o que temos de mais indecifrável: a perenidade conjugada ao amplo vôo da liberdade do desejo da permanência. ***Dóli de Castro Ferreira***

FCR no Encontro Nacional de Bacias Hidrográficas

A Fundação Christiano Rosa, membro do CEIVAP (Comitê de Integração da Bacia Hidrográfica do Rio Paraíba do Sul), participou do XIX ENCOB (Encontro Nacional de Comitês de Bacia Hidrográficas), que aconteceu em Aracaju, Sergipe, entre os dias 7 e 11 de novembro.

Organizado pelo Fórum Nacional de Comitês de Bacias Hidrográficas, o ENCOB acontece anualmente e é uma oportunidade para a integração e troca de experiências entre os Comitês de Bacias e a promoção de parcerias visando à gestão participativa e compartilhada entre todos os componentes do Sistema de Gerenciamento de Recursos Hídricos (SINGREH) do Brasil.

A cerimônia oficial de abertura do evento contou com a presença de autoridades do estado de Sergipe e de estados vizinhos, representante do Ministério do Meio Ambiente, da Agência Nacional das Águas (ANA), entre outros. Como sempre, mereceu destaque a presença dos usuários, especialmente os pequenos, e a sociedade civil. As palavras de um representante do Ceará mereceram aplausos quando ele se referiu à necessidade de "se fazer a gestão da falta d'água". A realidade do Nordeste brasileiro, com a seca severa que assola parte significativa da região, é motivo de discussões várias, com pontos de vista diferentes e apaixonadas declarações. Um ponto, porém, é comum: as ações até hoje desenvolvidas não solucionaram o problema e não há previsão para tal. Este é um dos grandes desafios do comitê de bacia do São Francisco. O tão maltratado São Francisco, um dos mais importantes cursos d'água do Brasil e da América do Sul, passa por cinco estados e 521 municípios. Atravessa o estado da Bahia, fazendo sua divisa, ao norte, com Pernambuco, constitui a divisa natural dos estados de Sergipe e Alagoas e, por fim, deságua no oceano Atlântico. Drena uma área de aproximadamente 641.000 km².

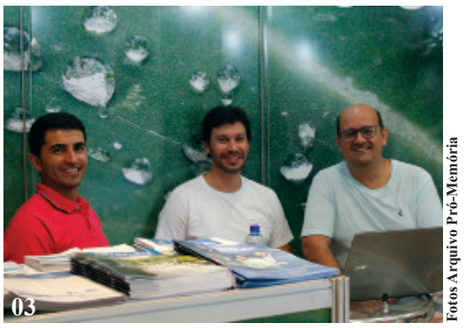
Nos quatro dias do Encontro, aconteceram reuniões e fóruns dos participantes, todos com a finalidade de articulação e elaboração de moções a serem apresentadas ao colegiado coordenador, visando à melhoria contínua dos resultados de cada edição do ECOB. A FCR fez-se presente, especialmente no Encontro da Sociedade Civil. O último dia do encontro, 11/11, foi dedicado a uma visita à Estação de Tratamento de Esgoto da cidade de Itabaiana, quarta maior cidade do estado de Sergipe, localizada a cerca de 60km de Aracaju. A ETE, inaugurada há cerca de um mês, conforme explicou o técnico que guiou o grupo, deverá tratar, a partir do início de 2018, aproximadamente 70% do esgoto da cidade. Com isso, proporcionará a melhoria do Açude da Marcela, importante manancial da região, que até então recebe todo o esgoto municipal.

A Fundação Christiano Rosa, representada pelo engenheiro químico Laurentino Gonçalves Dias Jr., compareceu ao evento custeada pelo CEIVAP, no qual representa a sociedade civil do estado de São Paulo. Laurentino viajou acompanhado por outros dois membros desse segmento: Elias Adriano, da Associação Jaguamimbaba, de Cruzeiro, a professora Teresa Cristina Brazil de Paiva, da Escola de Engenharia de Lorena – USP. De Minas Gerais, também representando a sociedade civil do CEIVAP, estavam, Matheus Cremonese, atual vice-presidente do CEIVAP, e Heverson, do CBH dos .

Legendas:
1) *Representantes de Minas Gerais (esq.) e São Paulo do CEIVAP, no XIX ENCOB.* ***2)*** *Visita técnica à ETE de Itabaiana/SE.* ***3)*** *Ao centro o vice-presidente do CEIVAP, Matheus Cremonese.*

01

02


03

Fotos Arquivo Pró-Memória

Crônicas Pitorescas

Reses cultas

Palmyro Masiero

Uma notícia chegada algum tempo atrás, lá do país das novidades, dá-nos conta de que jornais e revistas são excelentes para alimentar reses. Não contêm proteínas, mas possuem grande quantidade de hidratos de não sei o quê.

Segundo me consta, a analogia entre a hipótese e a pesquisa é de benefício permutado ou correspondente, o que nos deixa numa situação de que toda experiência deve partir de um princípio lógico ou de uma relação com o fim a que se destina. Por isso me pergunto: como surgiu a idéia de alimentar animais com esse tipo de comida? Pelo menos, alimento informativo a gente já sabia, bom ou mau, se nutria de notícias. Porém, não consigo entender o que tem uma coisa a ver com a outra, ou seja, jornais versus engordação de gado!

Enfim, os americanos mexem em tudo e vai ver que algum fazendeiro surpreendeu alguma de suas vaquinhas dando uma filada no jornal que lia, lambendo os beiços e, deixando que a menina se inteirasse do assunto, deu-lhe o jornal todo e ela partiu para uma leitura superdinâmica, digerindo-o. Ou supor que outro, também fazendeiro, com "aquilo" cheio por qualquer notícia mais desairosa, tivesse perdido a esportiva e jogado, com raiva, o matutino que lia, e um touro, vaca ou bezerrão manjou o dito e gostou. Sei lá como começou , mas a novidade está aí.

As reses daqui, se tivessem que fazer a escolha de uma assinatura, cremos já teriam o jornal preferido, principalmente pela edição de domingo. Uma lauta refeição de alguns quilos! E o bom nesses animais é a ruminação; se não tiverem tempo de tomar conhecimento de tudo que acontece por esse mundão, podem mandar pra dentro o conteúdo que, na hora em que desejarem, ele volta para boca e elas informam-se do restante.

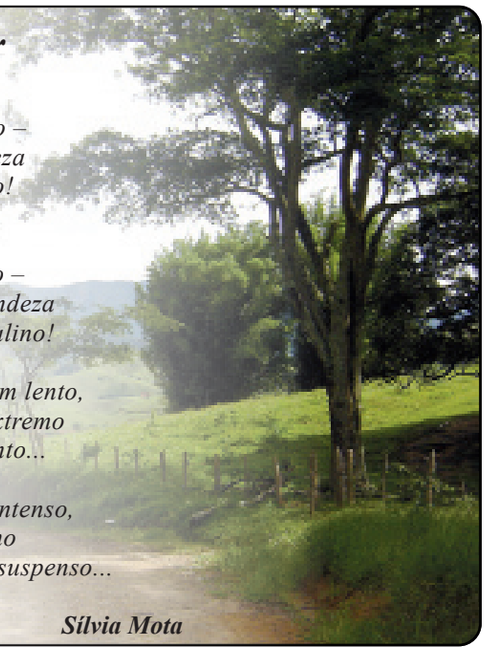
Leite já temos A, B e C, o que nos dá mais um subproduto da vaca com iniciação alfabetizante. Como deverá vir o leite delas alimentadas por jornais e revistas? A gente fica com a idéia de que a criançada que toma leite (algumas felizardas...) vai começar a falar e dar informações logo cedo. Ao invés dos tradicionais "mamã", "papá", "angu", etc,. já vão mandando as dicas ou as manchetes: "Estourou um golpe no país tal...", "Morto com trinta facadas quando retornava do serviço...", "Derrotado o governo de uma república do terceiro mundo...", "Governo aumenta isso, aquilo e o resto...", "Desastre mata duzentos...", "Tantas crianças morrem de fome em determinada região...", ""Papá, qui qui é bomba de N"... e por aí afora.

Creio que a paz e a bucolidade no curral vão acabar. Imaginem a situação: o fazendeiro chega com o caminhão e despeja aquele monte de jornais e revistas. Enquanto os mais fominhas vão enchendo a pança com qualquer tipo de pasquim ou jornaleco, os reprodutores vão brigar pelas revistas com gatas e coelhinhas com tudo à mostra... e as leiteiras porão suas preferências nas de modas... Vai virar uma curralada!

Não sei no que vai dar por aqui. Teve um gaiato nosso que disse que o que é bom para os americanos é bom para o Brasil. Assim sendo, vai sobrar fazendeiro seguindo o que disse o panaca, comprando jornais e revistas velhas a toneladas. Novo desemprego à vista: o dos catadores de papel, que não farão parte do número oficial de desempregados, pois não têm seus registros.

Pelo menos, alguma coisa temos que considerar como boa: poderemos não comer mais carne proteica, mas em compensação, vamos traçar cada bife ilustrado!!

Som da Natureza em flor



Eis-me a cantarolar a voz da Natureza,
harmonizada ao tom de diapasão divino –
cadência rosa em flor. As ramas da beleza
farfalham na floresta o perfumar citrino!

Luar de noite Lua, estrela em realeza,
gemer de água em paz, piano ou violino –
florir da terra-mãe. Em tudo há tal grandeza
que existe em tudo o som de beijo cristalino!

Zumbido de uma abelha, um corujar bem lento,
o beija-flor em cor – que de alvoroço extremo
seduz à contraluz – ardor do mel ao vento...

Tal qual numa oração, neste momento intenso,
exponho o coração às rimas – nada temo
desse inaudível som – silêncio em mim suspenso...

Sílvia Mota

Não há soluções fáceis

Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Nosso país está passando pela pior crise de sua história, acredito eu, no tocante à falta de caráter e desfaçatez de nossos políticos, corrupção endêmica, moral, credibilidade... Enfim, chegamos ao fundo do poço (ou passamos dele...).

Há um ano das eleições para a Presidência da República, surgem inúmeros candidatos. Para mim, não há opção. Não há candidato, muito menos partidos que me pareçam confiáveis. Até agora, meu voto será nulo.

Algo que me impressiona nessa situação toda é a ausência de critérios sérios para se eleger quem assumirá o cargo mais alto do país. E, pior, a ausência de criticidade de eleitores que aceitam os discursos vazios, irresponsáveis e mentirosos dos pré-candidatos – muitos desses eleitores são amigos que se julgam inteligentes, críticos e donos da verdade.

Questões complexas como a segurança, o financiamento da Previdência e a economia quebrada dos estados parecem simples nas palavras milagrosas de políticos que se apresentam como a solução para todos os problemas do país. De acordo com as promessas, tudo se resolverá numa canetada se eles chegarem ao poder. No dia em que escrevo este texto, um pré-candidato afirmou que irá consultar "o povo" para saber o que é desejado para a Previdência.

Vendo discursos políticos tão populistas e irreais como esses e evidenciando pessoas teoricamente preparadas para questioná-los aceitando-os como factíveis, fico a pensar que está justamente aí a causa do caos em que estamos vivendo.

Não dá mais! O Brasil está quebrado financeira, ética e moralmente, e os brasileiros continuam se atendo a detalhes como siglas, nomes de destaque da mídia e detalhes que, definitivamente, não irão garantir a resolução das inúmeras mazelas do país. Alguém com um mínimo de tutano acredita que um Presidente da República honesto, se eleito, irá canetar as soluções sozinho? Que terá como combater o fisiologismo dos partidos aos quais terá de se unir para vencer as eleições? Que conseguirá atender aos inúmeros interesses particulares dos também inúmeros lobbies que detêm o controle do Congresso que se sobrepõem aos interesses da população?

Ah! Poupem-me de discursos de ódio extremistas, polarizados visível, apaixonada e partidariamente cegos! Não há uma varinha mágica! Não há pó de pirlimpimpim que consiga banir da política, em curto prazo, os pulhas incompetentes e venais que tomaram de assalto o Senado, a Câmara, as Assembléias deste país! Isso sem falar nas instâncias municipais...

Um basta às asneiras das redes sociais é o primeiro passo para uma assepsia mental. Não há soluções fáceis, meus amigos! Acreditar nelas significa entre duas, uma: ou se é desprovido de inteligência ou se está mal intencionado.

Exorcizando o lanche com refrigerante

Uma geração dura 25 anos. É tempo suficiente para completar uma Graduação e uma especialização.

Já pude sondar a infância de três gerações: a minha própria, a de meus sobrinhos e, agora, a de meus sobrinhos-netos.

A primeira sobrinha-neta acaba de completar 22 anos e de colocar o ponto-final na Graduação.

Se Deus for servido, é possível que eu ainda sonde a quarta geração que brotou do matrimonio da D. Emília Marques de Almeida com o Seu José Marques da Silva.

A minha infância pertenceu à geração Licor de Cacau Xavier e Emulsão de Scott.

A grande preocupação das mães, avós e tias era a anemia. Elas chegavam a puxar nossa pálpebra inferior para verificar nossa higidez física.

Um dos filhos da D. Emília tinha as bochechas avermelhadas. Ela teimava com os médicos: "Os outros estão anêmicos".

Os médicos diziam: "Não estão anêmicos. É a cor deles".

Meus irmãos gostaram muito de mamadeira. Um deles não a dispensou até completar 9 anos; outro até 7.

Eram comuns os reforços de alimentação, principalmente nas gripes, com ovos quentes e gemadas.

Na Escola Primária se distribuíam Vermífugos com Limonada Purgativa e se aplicava BCG.

Na geração dos meus sobrinhos, tudo mudou.

Quase todas as mães e tias saíram para trabalhar.

Surgiram as "pizzas", os lanches de "trailers", os refrigerantes, os iogurtes, os biscoitos recheados, os salgadinhos de isopor.

Nunca mais ouvi falar em anemia, nem em vermífugos; nem em gemadas.

Agora, na geração dos meus sobrinhos-netos, tudo é proibido.

Os alimentos estão contaminados com agrotóxicos. Os produtos que passam por refinamento não são aconselháveis. Refrigerante virou veneno.

E uma triste constatação: as crianças estão obesas!

Não é bom que percamos o VLT da história nem o drone da Ciência.

Atualmente, multiplicam-se os concursos de "Chefs".

Por que não juntar ao "Chef" um nutricionista para a criação de um lanche saudável, com os carboidratos e proteínas necessários às crianças em idade escolar?

Temos araruta, polvilho doce, polvilho azedo, farinha de mandioca. Temos amido de milho, creme de milho, fubá de milho, farinha de milho. Temos amendoim e chocolate em pó. Com o progresso da liofilização quase tudo pode ser reduzido à farinha.

Bastos, SP, é a capital do ovo. O nosso Vale tem as duas maiores bacias leiteiras do Estado.

Seriam premiadas as dez melhores duplas e seus lanches seriam testados na Rede Escolar de São Paulo.

Da mesma forma, as nossas Universidades seriam premiadas pela criação de um copo de 300ml de Refrigerante que contenha todos os sais minerais e vitaminas necessários ao bom desenvolvimento das crianças do Ensino Fundamental.

Temos mel de abelha e mel de cana. Temos malte e guaraná. Somos imbatíveis no suco de uva e suco de cítricos. Temos açaí, abacaxi, caju, manga, mangaba, goiaba. Melão e melancia. E a jabuticaba com exclusividade!

Não posso acreditar que a geração que sonha os Anéis de Saturno e as Luas de Júpiter seja incapaz de produzir um lanche comível e um refrigerante bebível.

O nosso José Graziano da Silva, Presidente da FAO, ficará muito feliz se nós lhe oferecermos uma receita para alimentar as populações famintas do Planeta.

Abigayl Lea da Silva

Paróquia de Santo Antônio, 10 anos!

A Paróquia de Santo Antônio, em Piquete, completou, no dia 8 de novembro, 10 anos de sua instituição canônica. Atualmente, tendo à frente o padre Anderson de Souza, a Paróquia comemorou a data com celebrações litúrgicas durante seis dias. As missas contaram com a presença dos padres que conduziram a Paróquia ao longo dessa década: o primeiro pároco, padre Daniel Capucho, e o padre José Rodrigues Pontes (Pe. Zezinho), que deixou a paróquia em janeiro deste ano.

Há dez anos, em missa solene presidida pelo então bispo diocesano Dom Benedito Beni, a Paróquia de Santo Antônio era instituída. Naquele ano, era chanceler do bispado o padre Fernando Sampaio, hoje à frente da Paróquia de São Miguel, que em 2007 tinha o padre Severino Cícero como pároco. Neste ano de 2017, padre Cícero, padre Fernando e Dom Beni celebraram missas comemorativas junto aos paroquianos. A Matriz de Santo Antônio ficou repleta de fiéis todas as noites.

Nesses nove meses, padre Anderson conquistou a comunidade com sua educação, seu empenho em atender a todos indistintamente e pelo dinamismo com que conduz os trabalhos de seu ministério. Que seja longo e produtivo seu tempo à frente da Paróquia de Santo Antônio!

Padre Anderson e Pe. Daniel Capucho, primeiro pároco da Paróquia de Santo Antônio

Padre Anderson, pároco da Paróquia de Santo Antônio, e Dom Beni

Padre Anderson e Pe. Zezinho, seu antecessor na Paróquia de Santo Antônio

Alguns membros da Paróquia de Sante Antônio, em 2017

Há dez anos, em 8/11/2007, D. Beni, Pe. Daniel Capucho, e concelebrantes, por ocasião da instituição da Paróquia de Sto. Antônio

Missa festiva pelos 10 anos da Paróquia de Santo Antônio

Vem aí o Som Musical 5!

Por muitos anos, a sede do Centro do Operariado Católico (COC) de Piquete, à rua Cel. Pederneiras, foi o espaço cultural onde se apresentaram inúmeros grupos artísticos de música e teatro. No seu palco muitos talentos foram revelados. Esse espaço foi incubadora de diferentes grupos que se destacaram no cenário artístico da cidade e região. Entre outros, foi lá que surgiram os grupos Apollo 2001 e o Som Musical 5, este último em 1973.

Formado por uma rapaziada jovem e talentosa, apaixonada por música, que no COC se reunia, aos finais de semana, para tocar, cantar e animar os eventos que lá aconteciam. De sua primeira formação, fizeram parte Marcelo, Tiãozinho, Gugu, Paulinho e Piula. O Som Musical 5 caiu no agrado dos frequentadores, de maneira que foi convidado para tocar em um baile que aconteceu na sede da Corporação Musical Piquetense, à rua São Miguel. A repercussão foi positiva e fez com que Alaor Ferreira o convidasse para tocar na Associação Comercial, à Praça

Foto Acervo Marcelo Silva Santos

da Bandeira. Novo Sucesso! Estouraram na Praça! Com Tié, Laércio, Marcelo, Piula e Luiz Carlos, o grupo passou a ensaiar com mais afinco diferentes ritmos e novos convites surgiram. A partir de então eram frequentes suas apresentações no Grêmio General Carneiro, no Elefante Branco, na Associação Comercial e em diversas festas da cidade. Os convites se estenderam para as cidades vizinhas. Em 1975, faziam parte do grupo Marcelo, Darli, Costinha, Piula, Laércio, Jairinho e Donizete. Convites e contratos para novos bailes só aumentavam. A agenda do Som Musical 5 estava sempre lotada. O conjunto era muito afinado e o "crooner" Laércio se destacava. Conforme o grupo melhorava, porém, continuava a perder seus componentes para o Apollo 2001. Em 1979 foi a vez do vocalista Laércio ser convidado para se juntar aos músicos do Apollo 2001. Sem ele, ficou difícil um cantor com a mesma qualidade vocal. O grupo continuou se apresentando por mais sete anos e se desfez. Um de seus componentes, no entanto, Marcelo Silva Santos, sempre à frente do grupo, nunca deixou de sonhar com uma nova formação, o que está perto de se realizar. Brevemente, vem aí o "Som Musical 5". Fazemos votos que seja um sucesso!

A cultura e nossas potencialidades culturais

Há 80 anos, no dia 30 de novembro de 1937, foi criado o IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Autarquia federal vinculada ao Ministério da Cultura, é responsável por preservar a diversidade de contribuições dos diferentes elementos que compõem a sociedade brasileira e seus costumes. Esta responsabilidade implica em preservar, divulgar e fiscalizar os bens culturais brasileiros, bem como assegurar a permanência e usufruto desses bens para a atual e as futuras gerações. Esse Instituto vem preservando parcela significativa do patrimônio cultural brasileiro, salvando do desaparecimento um legado considerável para a cultura nacional. A criação desse organismo federal de proteção ao patrimônio, ao final dos anos 30 foi confiada a intelectuais e artistas brasileiros ligados ao movimento modernista, como o escritor, folclorista e musicista Mário de Andrade.

Mas, afinal, qual é o significado de cultura? Cultura vem a ser o acúmulo de vivências históricas de significados sociais: linguagem, técnicas, valores, fé e gosto construídos coletivamente. Tem relação com a maneira de vestir, morar, edificar, trabalhar, rezar, comunicar e se interagir. A cultura é viva, flexível e plural, associando, até mesmo, elementos aparentemente divergentes e díspares. Portanto, não é possível subjugar o conceito à afirmação conservadora e tradicionalista de que a ordem política presente é a única viável, visto que sua modificação vai ao encontro do patrimônio cultural herdado de seus antepassados. A cultura não é estanque: é tudo que o homem adiciona à natureza. Cultura é construção, transformação constante, produto e fator de imanência social. Um povo que perde sua cultura, sua história, sua memória ou seus costumes perde a sua alma, fica sem identidade.

No Brasil, tão vasto, tão amplo, com tantas expressões, com distintas maneiras de ser, de viver, de conviver e de fé múltipla, que vão se modificando de lugar para lugar e a todo o momento, não podemos falar de uma única cultura, mas, sim, de culturas plurais que o formam. Quantas nações existem inseridas em nosso país? Culturas indígenas, africanas, povos europeus... Cada um com suas tradições, línguas, procedimentos, modos de ser e crer que ajudaram a formar este país.

Em Piquete, a Fundação Christiano Rosa vem, há anos, realizando trabalhos de resgate de nossas potencialidades culturais. Um desses trabalhos foi justamente uma pesquisa sobre o Jongo em nossa cidade, que contribuiu para o tombamento, pelo IPHAN, dessa manifestação cultural, restrita ao Sudeste brasileiro, como patrimônio imaterial.

Fotos Arquivo Pró-Memória